

CEDI

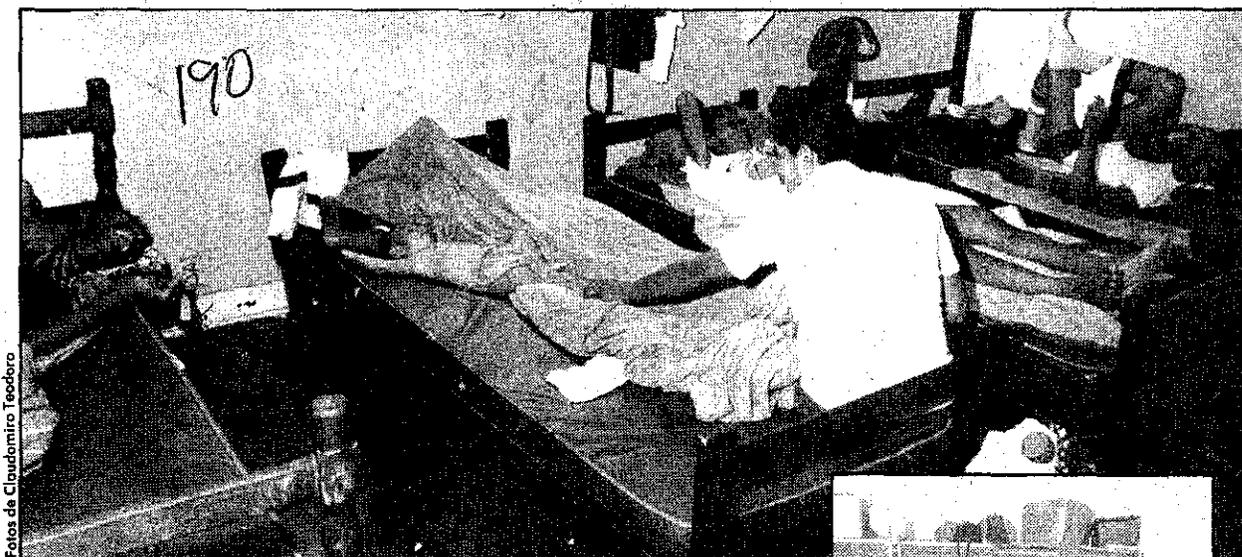
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha da Tarde

Class.: DIX Geral

Data: 01.02.85

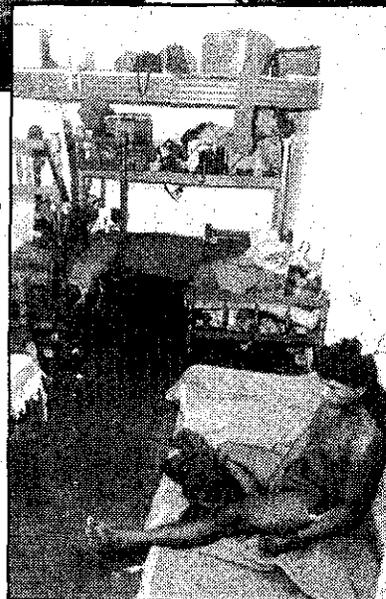
Pg.: 2



Fotos de Claudomiro Teodoro

Crianças e adultos com doenças infecciosas dormem no mesmo cômodo

Na Capital, 24 índios doentes convalescem em meio à sujeira e sem assistência. E a Funai fala em perseguição



Nira B. Workman
Agência Folhas

"Esta casa é uma imundície, cheira mal, não acho bom. Esperava encontrar coisa melhor". Este é o depoimento do índio xavante Alexandre Tsitômowa'a Bupréwe, 17, muito parecido com o dos outros 24 índios hospedados na casa de número 896 da rua Bacelar, em Vila Clementino. Todos eles receberam autorização da Funai (Fundação Nacional do Índio) para virem fazer tratamento médico no Hospital São Paulo, através de convênio mantido pela entidade. Durante a permanência deles na Capital, moram naquela residência. Mesmo doentes, alguns em estado grave, são tratados, quando não estão no hospital, apenas pela enfermeira Ana Márcia de Oliveira, 24, que concluiu apenas o curso de auxiliar de enfermagem. Ela acha que falta um lugar limpo no local para se fazer os curativos e alguém para ajudá-la. "Pois não dá para eu cuidar sozinha de casos como o de José Osvaldo, com problemas mentais. São os índios que me ajudam a dar banho nele", afirma ela.

O curativo da menina Cássia, que não sabia sua idade e que tinha os intestinos expostos, foi feito na sala mesmo, no sofá que lhe servia de cama. "E não há recintos separados para as pessoas com doenças infecciosas", acrescenta Ana. "Comida há quando não falta verba", explica Maria Rodrigues, 47, a única cozinheira e arrumadeira do local, que reconhece que o local está sujo, "mas é o máximo que uma pessoa sozinha pode fazer".

Gerson Alves, 45, superintendente da Funai em Brasília, ligou para o local e conversou com a repórter. Num primeiro momento, perguntou se a repórter tinha autorização para entrar na casa dirigida pela Funai que, segundo ele, "é um órgão que respeita todo mundo". E explicou, antes de desligar o telefone na cara da repórter que aquilo não é uma casa de índio, mas sim um núcleo de apoio do Parque Indígena do Xingu, cuja função seria apenas de ajudar os índios na aquisição de materiais. Mais tarde falou com a repórter na redação, pedindo desculpas por seus modos ao telefone. Mas não foi só ele. O índio Megaron,

administrador do Parque Indígena do Xingu, que também havia telefonado para saber o que se passava na casa, afirmando que "a imprensa estava fazendo um jogo sujo, e que há problemas mais sérios para serem resolvidos", também falou mais tarde com a repórter na redação, dizendo que "só estava querendo ajudar a Funai".

"Claro que ele quer defender a Funai", afirma Gerusa Xavante, 27, representante da tribo em São Paulo, que trabalha naquela casa como voluntária. "Lá ele está mamando enquanto aqui os índios estão na pior. A Funai é assim mesmo, pensa que o índio é animal".

Nelson Marabuto, 48, presidente da Funai, afirma que a má conservação da casa "é uma realidade que estamos querendo contornar". Reconhece que aquilo que só deveria ser um "escritório do Xingu" virou alojamento, mas afirma que exatamente por esta necessidade foi criada, no último dia 17, a Casa do Índio de São Paulo. Segundo ele, dentro de duas semanas ela estará implantada, com assistentes sociais, cozinheiras e enfermeiras, e a repórter será convidada para o almoço de sua inauguração.